

Não é de hoje o interesse pela coleta e estudo de narrativas orais. Pode-se dizer que se trata de uma prática milenar, uma vez que textos de circulação oral, como os bíblicos e fábulas da Antigüidade, chegaram até nós passando por várias mudanças e, muitos deles, em decorrência do registro escrito. Renato Ortiz, em seu livro *Românticos e Folcloristas*, informa que durante o século XVI é redespertado o interesse pela coleta e estudo de textos da cultura popular e, é claro, incluem-se aí os de produção, circulação e armazenamento oral. Há dois aspectos que merecem destaque nesse momento: a presença de um certo diletantismo, que dava ao texto poético uma aura exótica, e o espírito pedagógico, de sintonia corretiva e valoração moral.

De 400 anos para cá, os estudos da chamada “literatura oral e popular” tiveram uma mudança consubstancial. Contribuíram, para isso, as pesquisas de Milman Parry que, na década de 1920, demonstrou que os clássicos *Ilíada* e *Odisséia* tinham origem e circulação em uma cultura oral e eram por ela atualizados. Mesmo com a morte precoce, aos 33 anos, Parry conseguiu pavimentar um caminho que mais tarde seria percorrido pelos chamados “oralistas” e adeptos do *oral formulaic*. Um bom livro para conhecer seu trabalho é *The Making of Homeric Verse*, uma coletânea organizada por seu filho, Adam Parry, que traz os escritos oriundos da pesquisa realizada na França e outros inéditos concebidos um pouco antes de sua morte, em 1935.

Além de Parry, Paul Zumthor traz outra importante contribuição para os estudos do que ele chama de “poética da voz”. Em livros como *A Letra e a Voz, Introdução à Poesia Oral, Performance, Recepção e Leitura*, entre outros, traduzidos no Brasil graças ao dedicado trabalho de Jerusa Pires Ferreira e outros parceiros, encontramos um olhar direcionado para o texto poético oral em seu “aqui agora”. Em outras palavras, é a performance como potencial significativo e “palco” de expressão da voz que será o epicentro de sua reflexão.

Cito estes dois autores devido ao fato de apontarem e de analisarem as especificidades de textos de circulação oral em relação aos de escrita. Além disso, tanto Parry como Zumthor, em épocas e de modos diferentes, trouxeram importantes argumentos para superar a dicotomia oral *versus* escrita, bem como toda a gama de preconceito que pairava sobre o texto oral, tido como “inferior” e “atrasado”, em relação ao escrito.

Da coleta diletante ao estudo aprofundado a respeito de textos poéticos de circulação oral, muitos são os autores e livros que merecem uma menção. A pesquisa de Sônia Queiroz e Ma-

ria Inês de Almeida, entre os anos de 1990 e 2000, que resultou no livro *Na captura da voz: as edições da narrativa oral no Brasil*, traz uma reflexão e uma relação bastante pormenorizada sobre a coleta e estudo de narrativas orais no Brasil. O trabalho das duas pesquisadoras ainda deixa a entender que a investigação de narrativas orais é ininterrupta e sua continuidade resulta em maneiras diferenciadas de interpretar o objeto estudado.

A oralidade, aliada aos chamados *cultural studies*, se afirmou como um campo profícuo de investigação, tanto no Brasil como em vários outros programas de pós-graduação mundo afora. Foi com esse espírito que veio à luz a obra *Oral and Written Narratives and Cultural Identity*, lançada em 2007 nos Estados Unidos e organizada pelos pesquisadores Francisco Cota Fagundes, da University of Massachusetts Amherst – EUA, e Irene Maria Ferreira Blayer, da Brock University – Canadá.

Os textos que compõem essa coletânea são oriundos da *International Conference on Storytelling and Cultural Identity*, realizada na Ilha Terceira (arquipélago dos Açores – Portugal), entre 27 e 29 de junho de 2005. Trata-se da terceira edição do evento que reuniu mais de 200 participantes de 35 países dos cinco continentes. Portanto, a publicação é marcada por uma variedade ímpar de temas e de referenciais teóricos aplicados à investigação da narrativa oral, bem como suas interfaces com a escrita. Dessa forma, o livro lançado em 2007 é o quarto de uma série decorrente de edições anteriores desse mesmo congresso.

A obra encontra-se dividida em quatro partes principais: *Reflections on Storytelling* (2 capítulos); *Oral Identities* (4 capítulos); *Autobiographical Voices* (3 capítulos); *Place and Textualized Identities* (4 capítulos); e *Children's Stories* (2 capítulos). À primeira vista, a divisão sugerida pelos organizadores parece tratar da mesma matéria, já que as vozes autobiográficas são também uma forma de identidade oral e, tendo em vista que a identidade é discurso, não há como deixar de perceber uma localização deste (isto é, o lugar de onde se fala). Mas ao longo da leitura, essa primeira impressão se vai dissolvendo, pois os textos apresentam tratamentos, objetos e referenciais teóricos muito distintos e que justificam, plenamente, os conjuntos de capítulos como apresentados.

Os artigos contidos nessa obra apresentam um arco de discussão que vai da filosofia à análise estrutural, passando pela autobiografia, leitura de imagens, psicologia, narrativa oral associada ao trabalho terapêutico, discussão de obras literárias, presença da oralidade na literatura infantil e sua relação com o ensino de literatura. A variedade de tratamento situa a narrativa oral em um campo de discussão interdisciplinar e permite ao profissional de uma determinada área tomar conhecimento de diferentes formas de expressão e abordagem. Por isso, este livro interessa a qualquer profissional e estudante de humanidades,

cuja preocupação recaia de maneira direta ou não sobre a cultura oral e a teoria da narrativa.

Um dos pontos mais altos da obra ocorre quando há uma interconexão entre o oral, o escrito e o visual. Por exemplo, a terceira parte é composta de capítulos que tratam de romances do grego Nikos Tsiforos, da australiana Murray Bail, do italiano Antonio Tabbuchi e da apologética cristã do britânico Clive Staples Lewis. Apesar de o escopo não recair diretamente sobre a narrativa oral (o título do trabalho explicita que a obra é sobre narrativas orais e escritas), questões como o mito, a paródia e o pastiche, a influência da cultura oral aborígine e a presença do cotidiano na narrativa são indícios da presença de vozes (também de circulação oral) em textos escritos. Assim, as análises circunscritas à terceira parte são uma evidência de que o conhecimento sobre a cultura oral é uma importante ferramenta para a compreensão e a interpretação do texto literário. Como podemos notar na reflexão de Sylvia Mittler a respeito da obra *Crusades*, de Tsiforos: “he deploys a panoply of vernacular values and behaviors, of specific literary, dramatic and storytelling techniques, the better to captivate his audience so that the risky of instructing and strengthening will bear fruit” (p. 178).

Perspectivas como essa não apenas contribuem para diluir as dicotomias “erudito x popular”, “superior x inferior”, “atrasado x avançado”, como também alçam as narrativas orais e escritas ao nível de produtos culturais. Um dos artigos que merece atenção, nesse sentido, é o de Sandra L. Beckett, “Mirror, Mirror, on the Wall: The Many Faces of Snow White”, localizado na quarta parte do livro. Nele, a autora perfaz uma relação entre várias representações pictóricas da Branca de Neve e o conto homônimo, de tradição oral. Ao longo da análise, Beckett demonstra como a imagem da Branca de Neve criada por Walt Disney foi assimilada em diferentes culturas, alçando a personagem do conto oral a *pop star* internacional. Por outro lado, Beckett também leva em conta o fato de que as representações pictóricas da Branca de Neve podem ser complexas a ponto de alçar o abstrato. Para a autora, “In the magic mirror extend by the illustrators of these highly imaginative versions, readers are invited to recreate Snow White and her story anew with each reading” (p. 260). Ao compreender a Branca de Neve como um tema recriado a cada leitura, Beckett também demonstra que o texto oral é produto de uma atualização e sua (re)significação justifica sua presença em diferentes grupos socioculturais.

Uma outra face de *Oral and Written Narratives and Cultural Identity* está voltada para a narrativa oral e o papel do narrador em performance. Destacam-se os artigos “The Function of Ilianen Manobo Storytelling in the Preservation of Culture”, por Hazel J. Wrigglesworth; “It’s Where My Roots Are: Identity and Place in the Lives of Older Rural New Brunswick Women”, de

autoria de Jane E. Oliver; “Dialogicality, Conflict and Memory in Siona Ethnohistory”, de E. Jean Langdon. De um modo geral, os artigos apontam a legitimidade da voz do narrador oral, a ligação entre a narrativa oral e o rito, o papel da mulher como narradora e a importância da comunidade em suas narrativas. É também nessa direção que caminha o artigo “The Acquisition of Voice in Clinical Settings: Identity Shifts in a Narrative of Brazilian Immigrant Woman”. Mas há aqui uma diferença entre os espaços em que se manifesta o narrador. Se nos três artigos anteriores, ele é compreendido em meio a sua comunidade narrativa, nesse último ele é a voz em busca de uma cura, pois o narrador investigado circunscreve-se à mulher em processo psicoterapêutico. Ao propor a análise de brasileiras emigradas para Boston (EUA), as autoras de “The Acquisition of Voice...” introduzem mais uma faceta aos estudos orais que poderíamos chamar de vozes da diáspora. Nessa esfera, é possível compreender como o imigrante expressa seus conflitos culturais e cria mecanismos de sobrevivência em meio ao novo local. A narrativa oral, por meio da história de vida, coloca-se como uma importante contribuição para a superação desses traumas.

Nessa direção, estão os artigos “Autobiographical Writing and Voice: Five Echoes”, de Carl Leggo, “The Self as Hybrid Contestations: Three Autobiographical Stories from Singapore and Malaysia”, de Kwok-Kan Tam e “Zone of Negotiation: Storytelling, Intersubjectivity and Transcultural Metamorphosis – Reading the Ethnic Texts ‘The Woman Warrior’ and ‘The Bonesetter’s Daughter’”, de Weimin Tang, que compõem a terceira parte do livro. Esses capítulos, de um modo geral, deixam transparecer a relação entre vida, narrativa e performance. Partindo da premissa do escritor e professor Carl Leggo de que “All of my autobiographical writing is really a kind of performance” (p. 128), esta parte demonstra como as narrativas oral e escrita apresentam semelhanças a ponto de reunir diferentes vozes e se valer da experiência como produto essencial de sua tessitura. Em suma, a narrativa autobiográfica é a trajetória de um sujeito em busca de uma identidade.

Pode-se dizer que a reflexão sobre a autobiografia contida nessa terceira parte se completa com o capítulo “Narrative in Dark Time”, situado na primeira parte do livro, no qual a autora, Leah Bradshaw, discute a questão da verdade no ato de narrar. Valendo-se do pensamento de Hannah Arendt para demonstrar como uma narrativa se imiscui no “elemento humano”, Bradshaw aponta para um certo “isolamento” do narrador que, como o filósofo, tem por projeto “reconciling us to the way things are” (p. 14). Assim, o narrador é aquele que experiencia as coisas para depois compartilhá-las e isso faz com que a narrativa tenha uma função reparadora da humanidade, integrando as pessoas. Aliás, o artigo “Peace and Peacebuilding: Bringing Narrative Thinking

to School Improvement for Peace in Northern Ireland”, de Ron Smith e June Neil, parece demonstrar na prática muitas das considerações de Bradshaw sobre o narrador. Escrito a partir de uma investigação com estudantes de escolas secundárias, os autores demonstram como as narrativas permitem a conscientização e a busca de alternativas para problemas comuns a uma comunidade. Por isso, eles propuseram a alunos narrar situações do cotidiano, bem como debatê-las. Isso possibilitou, em um primeiro momento, a exposição de conflitos, muitos deles ainda remanescentes das rugas entre católicos e protestantes, e, em um segundo tempo, a compreensão do outro e a auto-reflexão.

Finalizando a análise de *Oral and Written Narratives and Cultural Identity*, não poderíamos deixar de mencionar o capítulo “Recovering the ‘Japanese’ in Narrative”, de autoria de Kyoko Takashi e Douglas Wilkerson. Dotados de uma perspectiva refinada e um tanto quanto original, os autores demonstram como a identidade japonesa foi, até certo ponto, influenciada por uma estrutura narrativa quadripartida, chamada *ki-shou-ten-ketsu*. A ênfase deste artigo recai não sobre “o que é”, mas “como é” narrado um texto e deixa entrever que uma estrutura narrativa reflete um modo de pensar e de ser. Logo, a maneira como contamos é também o nosso modo de ser para o mundo.

Esta obra poliédrica açambarca uma considerável parcela do pensamento acadêmico sobre narrativas orais e suas relações com a escrita nos dias atuais. Cabe dizer que ela ainda será complementada por um outro volume, a ser lançado no Brasil pela Editora Cathedral, com trabalhos em português apresentados no mesmo congresso.